

AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM MINAS GERAIS E EM SÃO PAULO: O RIO GRANDE COMO FRONTEIRA LINGUÍSTICA

PRE-STRESSE MID VOWELS IN MINAS GERAIS AND SÃO PAULO: RIO GRANDE AS A LINGUISTIC BORDERLINE

José Magalhães¹
Rosana Agreli Melo Campos²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal descrever a variação linguística nas margens sul e norte do Rio Grande, observando o comportamento das vogais médias pretônicas, a partir dos princípios da Sociolinguística Variacionista (LABOV (2008[1972]); WEINREICH, LABOV e HERZOG (2006[1968])). Para coleta de dados ao norte do Rio Grande, foram entrevistados 12 informantes de Uberaba, selecionados por amostragem aleatória estratificada. Para a região sul do Rio Grande, foram coletados dados de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto, por entrevistas televisivas. Para lidar com o fenômeno, foram utilizadas as variáveis independentes linguísticas natureza da vogal alvo, altura da vogal tônica, distância entre vogal alvo e vogal tônica, e tipo do item lexical; e as extralinguísticas sexo, escolaridade, faixa etária, além da região geográfica para confrontar o sul e o norte do Rio Grande. Para as análises estatísticas, utilizou-se o *software* GoldVarbX. Os resultados apontaram que a vogal baixa /a/ na sílaba tônica não favorece o abaixamento da pretônica, ficando este gatilho a cargo de outra vogal média baixa. Confrontando os dados mineiros com os paulistas, constatou-se que, ao norte do Rio Grande, o abaixamento é categórico, com peso relativo 0.902; enquanto ao sul do Rio Grande o peso relativo é de apenas 0.015, revelando que o abaixamento da vogal pretônica não é a escolha dos paulistas. Depreende-se, pois, que o leito do Rio não demarca apenas uma fronteira geográfica, mas também uma linha divisória de natureza linguística, no que se refere à escolha do falante pela vogal pretônica como média baixa ou média alta.

PALAVRAS-CHAVE: Harmonização vocálica; Vogais médias pretônicas; Variação linguística; Rio Grande

ABSTRACT

The main objective of this paper is to describe the linguistic variation on the south and north of the Rio Grande, observing the behavior of pre-stressed mid-vowels. The methodology adopted was that of Variationist Sociolinguistics (LABOV (2008[1972]); WEINREICH, LABOV and HERZOG (2006[1968])). For data collection in the north of Rio Grande, it was interviewed 12 informants from Uberaba. For the southern region of Rio Grande, it was collected data in the municipalities of Igarapava, Franca and Ribeirão Preto, by selecting television interviews. To deal with the phenomena - we used the linguistic independent variables nature of the target vowel, height of the stressed vowel, distance between the target vowel and the stressed vowel, type of the lexical item; and the extralinguistic variables gender, education and age; beyond the geographic region to confront the south and north of Rio Grande. The sample of data was analyzed using the GoldVarbX statistical program. The results showed that the low vowel /a/ in the stressed syllable does not favor the lowering of the pretonic (relative weight of 0.118), leaving this trigger in charge of another low-mid vowel. Considering, therefore, only the low-mid vowel data in stressed position in the two regions under study, it was found that, in the north of Rio Grande, the lowering is categorical, with a relative weight of 0.902; while in the south of Rio Grande the relative weight is only 0.015, revealing that the lowering of the pretonic vowel is not the choice of paulistas.

1 Doutor em Letras e Linguística (PUCRS). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). mgsjose@gmail.com

2 Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). rosana_agreli@yahoo.com.br

It appears, therefore, that the river not only demarcates a geographical border, but also a linguistic line with regard to the speaker's choice between low-medium or high-medium vowel.

KEY-WORDS: Vowel harmony; Pre-stressed mid vowels; Linguistic variation, Rio Grande

INTRODUÇÃO

Transformações incessantes são naturais ao ser humano. O filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso chamou essas constantes alterações de eterno devir das coisas. Para ele, um homem não pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois tanto o ser quanto as águas já se terão modificado, pois o “mundo é um fluxo ou mudança permanente de todas as coisas” (CHAUÍ, 1994, p. 67). Assim ocorre também com a língua.

Bloomfield (apud WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006[1968], p. 58) assegura que “se observássemos bem de perto, descobriríamos, que duas pessoas – ou, antes, talvez nenhuma pessoa em diferentes épocas – jamais falam exatamente do mesmo modo”. Variações ocorrem constantemente, provocadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Essas variações podem ser de natureza lexical, fonológica, morfológica ou sintática. A língua molda-se de acordo com quem fala e com a situação em que se fala, havendo fatores diversos que determinam as escolhas linguísticas do falante, conscientes ou não. Assim, a fala, como o rio em seu leito, cumpre seu curso e exerce sua função comunicativa na riqueza de sua diversidade.

Tendo como norte a variação e diversidade inerentes à língua, evocamos neste trabalho, além do rio metafórico que é a língua, um curso de água literal, o Rio Grande, torrente fluvial que divide Minas Gerais e São Paulo e que, como se pretende aqui demonstrar, demarca diferentes falares em suas margens sul e norte. Propõe-se investigar e descrever esse falar e variações nele contidas a partir de dados coletados ao norte do Rio Grande, na cidade de Uberaba-MG, e ao sul deste mesmo rio, nos municípios de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Realizações como $r[\varepsilon]lógio \sim r[e]lógio$, $c[\mathcal{D}]lega \sim c[o]lega$, $n[\varepsilon]gócio \sim n[e]gócio$ são o alvo da investigação, cujos objetivos são descrever a variação linguística presente nas margens sul e norte do Rio Grande, observando o comportamento das vogais médias pretônicas.

Para cumprir os objetivos propostos, este artigo se organiza em cinco seções, além desta introdução. Na primeira, são apresentadas, em breves linhas, as bases da Sociolinguística Variacionista, sustentação teórica e metodológica do trabalho; na segunda, retomam-se elementos gerais acerca das vogais do português brasileiro; na terceira seção, é apresentada a metodologia da pesquisa, com a exposição das variantes e das variáveis, bem como das comunidades de fala investigadas; a quarta seção dedica-se à apresentação, análise e discussão dos resultados, seguida da conclusão do trabalho.

1 Sociolinguística Variacionista

Wenreich, Labov e Herzog (2006[1968]) constroem os primeiros fundamentos para uma teoria sociolinguística, baseada na mudança da língua, a partir de sua discordância com os postulados estruturalistas fundados nos estudos sincrônicos. Os autores defendem que o estruturalismo, ao decidir-se pelo estudo sincrônico, tomando a homogeneidade como pré-requisito para a análise linguística, deixou de lado a mudança e a heterogeneidade inerentes à língua. Refutam teorias que assumem como objeto legítimo da análise linguística um sistema homogêneo em que a diversidade seja tomada como irrelevante, pois consideram que desvios encontrados na fala não são “erros de desempenho, mas são num alto grau codificados e parte de uma descrição realista da competência de um membro de uma comunidade de fala” (WENREICH, LABOV & HERZOG, 2006[1968], p. 60). Logo, a variação faz parte do sistema, estando correlacionada a fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, pode haver sistemas coexistentes dentro de uma comunidade de fala, disponíveis a todos os membros e compartilhadas por todos eles, pois, ainda

que nem todos dominem com igual competência as variedades, todos são capazes de compreendê-las.

Labov (2008[1972]), dando seqüência aos fundamentos lançados por Wenreich, Labov e Herzog (2006[1968]), define a língua como “uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p. 215). O autor questiona até mesmo o termo Sociolinguística, por considerar não haver nenhuma Linguística que não seja social, visto que “parece bastante natural que o dado básico para qualquer forma de Linguística Geral seja a língua tal como usada por falantes nativos, comunicando-se uns com os outros na vida diária” (LABOV, 2008[1972], p. 216).

Labov considera que há diversos problemas com que o linguista deve lidar para o estudo da língua como instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala, mas todos eles são solucionáveis. Um desses problemas seria a agramaticalidade da fala, visto que o corpus extraído da língua falada contém frases malformadas, não constituindo boa evidência para estudo. Para Labov (2008[1972]), isso seria mito, visto que, nos vários estudos que conduziu, cerca de 75% dos enunciados eram frases bem formadas. Outro problema, a variação na fala e na comunidade de fala, deixa de ser um obstáculo quando se entende que a variação faz parte do sistema; ela não é um desvio, mas sim “a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (LABOV, 2008[1972], p. 238). Eliminada a falsa associação entre estrutura e homogeneidade, é perfeitamente possível lidar com os fatos da variação. Problemas relacionados às dificuldades de ouvir, gravar e raridade das formas sintáticas dizem respeito à metodologia para coleta dos dados, e com eles lidaremos na seção dedicada à metodologia do presente estudo.

2 As vogais do português brasileiro

A descrição das vogais do Português Brasileiro foi feita nos moldes da fonologia estruturalista, no início da segunda metade do século passado, por Camara Jr (1970). Antes dele, Franco de Sá já começara a focar a língua oral, mas, de acordo com o próprio Camara Jr (1970), sua obra “não vai muito longe no rigor fonético” (CAMARA JR, 1970, p. 29).

Camara Jr viu a necessidade de uma orientação fonológica, e não apenas fonética, na descrição da língua falada. Para o autor, “a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas na escrita. O que há são sete fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (CAMARA JR.,1970, p. 29) e que se distribuem em três subsistemas, a saber: o tônico, o pretônico e o átono final.

Figura 1 - vogais tônicas

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1º grau)
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Fonte: adaptado de Camara Jr (1970, p. 31)

De acordo com Camara Jr (1969), as posições átonas favorecem a neutralização. Na posição pretônica, ocorreria neutralização entre as médias de primeiro e segundo grau, gerando o quadro a seguir, com cinco vogais.

Figura 2 - vogais pretônicas

Altas	/i/	/u/
Médias	/e/	/o/
Baixa	/a/	

Fonte: adaptado de Camara Jr (1970, p. 34)

Nesta posição não haveria, então, distinção entre [e] e [ɛ], como também entre [o] e [ɔ].

Segundo Camara Jr (1969), em posição átona final, ocorrem ainda mais neutralizações, fazendo com que a média [o] e a alta [u], assim como a média [e] e a alta [i] percam seu caráter distintivo, reduzido o sistema a apenas três vogais:

Figura 3 - vogais átonas finais

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

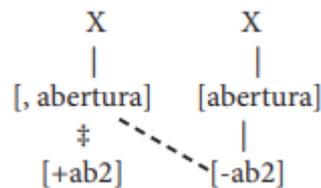
Fonte: adaptado de Camara Jr (1970, p. 34)

Os valiosos estudos de Camara Jr (1969) evidenciam que a posição de uma vogal na palavra e a relação com o acento são determinantes para compreensão dos fenômenos fonológicos por ela sofridos.

2.1 As vogais pretônicas e a harmonização vocálica

Bisol (2013) identifica a harmonização vocálica em sílaba pretônica como “um processo de assimilação regressiva, (que) tem por gatilho uma vogal alta, por alvo as vogais médias e por efeito maior domínio da vogal alta dentro de uma palavra” (BISOL, 2013, p. 50). Entende-se que o mesmo processo ocorre quando há, na posição tônica, uma vogal baixa, cujos traços de abertura se espriam regressivamente, gerando o domínio da vogal baixa na palavra, harmonizando a altura entre elas. De acordo com Bisol (2013), é o traço de abertura que espriaria da tônica para a pretônica no processo de harmonização, como se vê na figura abaixo:

Figura 4 – representação da harmonização vocálica



Fonte: BISOL (2013, p. 51)

Portanto, para a ocorrência de harmonização vocálica, vogais médias altas podem alçar, tendo por gatilho vogais altas, ou abaixar, tendo por gatilho as médias baixas. Como a harmonização é um fenômeno variável, a vogal pretônica poderia comportar-se de maneira distinta em diferentes regiões do Brasil. Assim, percebe-se que, em regiões diferentes, pode haver maior ou menor favorecimento ao alçamento ou abaixamento de vogais médias pretônicas por harmonização.

Nascentes (1953) construiu um mapa dos falares regionais do Brasil, em que o Norte se caracterizava pela presença de vogais pretônicas abertas, e o Sul pela ausência. Essas duas grandes regiões foram subdivididas em sete subfalares: amazônico, nordestino, território incharacterístico, baiano, mineiro, fluminense e sulista. A região do Triângulo Mineiro e o estado de São Paulo, alvos deste artigo, situam-se, ambos, no subfalar sulista.

Figura 5 – mapa da divisão dos falares do Português Brasileiro



Fonte: NASCENTES (1953, p. 18)

Ressalta-se que a hipótese deste estudo é que o abaixamento das pretônicas, motivado por vogal média baixa tônica, gera maior ocorrência de vogais abertas no falar de Uberaba/MG, embora este município seja classificado por Nascentes (1953) como parte do subfalar sulista. Em consonância com a proposição de Nascentes, Aragão (2015) fez um levantamento dos dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO et al., 2018) quanto ao comportamento das vogais médias pretônicas, observando variações linguísticas e diatópicas em cinco capitais da região Nordeste: João Pessoa-PB, Natal-RN, Fortaleza-CE, Teresina-PI e São Luís-MA. Em relação ao alteamento e ao abaixamento das vogais /e/ e /o/ em pauta pretônica, os resultados geraram o quadro seguinte:

Quadro 1 – distribuição das variantes por localidade, conforme Aragão (2015)

Ponto	[i]	[e]	[E]	[u]	[o]	[•]
J.Pessoa	■	▲	◆	■	▲	◆
Natal	■	▲	◆	■	▲	◆
Fortaleza	▲	■	◆	▲	■	◆
Teresina	■	▲	◆	■	▲	◆
S. Luís	▲	■	◆	▲	■	◆

◆ = Maior frequência - ■ = Frequência média - ▲ = Menor frequência

Fonte: ARAGÃO (2015, p. 2253)

Pelos resultados obtidos, há predomínio das vogais médias baixas em posição pretônica na região Nordeste, sendo que o fator mais importante para essa realização é o tipo da vogal na posição tônica, ou seja, o espriamento regressivo de traços dessa vogal para a pretônica.

3 Metodologia

Segundo Labov (2008[1972]), as alterações da língua se originam da ação, em alternância sistemática, de pressões internas e estruturais, visto que a língua é uma forma de comportamento social. No fenômeno da variação, há sempre duas ou mais formas alternativas que concorrem para uso pelo falante. No presente estudo, o fenômeno variável, ou a variável dependente, é o comportamento das vogais médias pretônicas, que podem se realizar como [-ab1, +ab 2, -ab 3] – variante 1 –, ou abaixar-se, passando a [-ab1, +ab 2, +ab3] – variante 2 – pelo processo de harmonização, quando há vogais médias baixas na posição tônica. Por exemplo, no vocábulo *projeto*, as variantes seriam pr[o]jeto (com média alta) e pr[ɔ]jeto (com a vogal média baixa).

3.1 Variáveis independentes linguísticas

Consideramos como primeira variável linguística para este estudo o tipo da vogal alvo, que, conforme recorte definido como objeto deste trabalho será: i) vogal pretônica [e], como em *menor*; ou ii) vogal pretônica [o], como em *processo*.

A segunda variável linguística a ser considerada é a altura da vogal tônica, gatilho do processo. Hipotetiza-se que as vogais médias baixas em posição tônica favorecem o abaixamento da vogal média pretônica, comportamento diferente da vogal baixa, que desfavoreceria o fenômeno. Assim, tem-se como variáveis: i) vogal baixa /a/ em posição tônica, como em *legal*, e ii) vogais médias baixas /ɛ/ ou /ɔ/ em posição tônica, como em *novela*.

Como terceira variável linguística, tomamos a distância entre a vogal alvo e a vogal gatilho. Espera-se que as vogais mais próximas à sílaba portadora do acento estejam mais suscetíveis à harmonização: i) distância zero, como em *negócio*; ii) distância de uma sílaba, como em *dezenove*; iii) distância de duas ou mais sílabas, como em *extraterrestre*.

Por fim, considerando a hipótese de que há itens lexicais que favorecem mais a aplicação de regras como o alçamento ou o abaixamento, e que itens lexicais mais frequentes favorecem a variação, o tipo de item lexical é a quarta variável linguística: i) substantivo, como *carrosel*; ii) adjetivo, como *melhor*; iii) verbo, como *percebe*; iv) outras palavras, como *apesar*.

3.2 Variáveis independentes extralinguísticas

Labov afirma que há “correlação de padrões sociais com o padrão distribucional de uma variável linguística” (LABOV, 2008[1972], p. 62). Assim, além dos fatores internos ao sistema que favorecem o uso de determinada forma, há diversos fatores do contexto social envolvidos, visto que as variáveis “não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes sistematicamente equivalentes” (MOLLICA, 2004, p. 28). Como variáveis sociais de interesse para o presente estudo, consideramos sexo, idade, nível de escolarização e região geográfica, sendo esta última a motivação primeira para este trabalho.

i) sexo: as diferenças existentes entre homens e mulheres transcendem as questões meramente biológicas; relacionam-se, também às “diferenças no processo de socialização e nos papéis que cada comunidade atribuiu a homens e mulheres” (PAIVA, 2004, p. 35). Assim, entre homens e mulheres, pode haver contraste nos estilos interacionais adotados, nas escolhas lexicais, e, principalmente, na observância da norma padrão, conforme já observado por Labov (2008[1972]). Neste estudo quantificamos os dados conforme o sexo para que seja possível determinar se o abaixamento das vogais médias pretônicas é realizado mais por homens do que por mulheres.

ii) idade: Labov (2008[1972]) considera que há nítida diferenciação entre falantes mais velhos e mais jovens, sendo que os falantes mais velhos são mais resistentes às formas inovadoras. Conforme Naro (2004), o fato de os falantes adultos preferirem as formas antigas gera uma estranha situação, pois “existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo

pai/filho), costumam falar de maneira distinta” (NARO, 2004, p. 44). Para o presente estudo, adotamos como variável independente a faixa etária, dividindo os participantes em três grupos: jovens de 18 a 29 anos; adultos com idade de 30 a 49 anos, já inseridos no mercado de trabalho e pessoas mais velhas, a partir dos 50 anos.

iii) **escolaridade:** as pessoas mais escolarizadas tendem ao uso de formas não estigmatizadas e mais próximas da norma padrão, visto que “a observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas” (VOTRE, 2004, p. 51), atuando também como preservadora de formas de prestígio. Na análise de uma forma neutra, não estigmatizada, como é o caso do presente estudo, espera-se que a variação tenha distribuição uniforme nos diversos níveis de escolaridade. Neste estudo controlamos dois níveis, a saber, Ensino Médio concluído e Ensino Superior também finalizado.

iv) **região geográfica:** estudos de Labov (2008[1972]) revelam identificação do indivíduo e de seu falar com o local em que habita. Uma língua não se realiza da mesma forma em toda a dimensão territorial em que é falada, mas subdivide-se em diversos falares regionais. Essa diatopia é o que se pretende demonstrar neste trabalho, avaliando os falares no município de Uberaba e nos municípios próximos, no estado de São Paulo, visto que a hipótese é de que o Rio Grande constitui uma fronteira linguística. Assim, dados mineiros foram confrontados como paulistas, a fim de se investigar como o fenômeno em estudo se realiza ao norte e ao sul do Rio Grande.

3.3 As comunidades de fala

O espaço geográfico escolhido para este trabalho é o entorno do Rio Grande, um extenso curso de água com nascente na Serra da Mantiqueira e corre, em sua maior parte, em sentido Sudoeste-Nordeste, até se unir ao Rio Paranaíba, formando a bacia do Rio Paraná. Este rio constitui-se na fronteira natural entre os estados de Minas Gerais e São Paulo.

Figura 6 – localização do Rio Grande



Fonte: disponível em <https://aliancaenergia.com.br/br/os-segredos-do-rio-grande/>

3.3.1 O norte do Rio Grande: Uberaba³

Uberaba é uma cidade mineira de porte médio, com população estimada, no ano de 2020, em 337.092 habitantes, conforme dados do IBGE. Localizado na margem norte do Rio Grande, o município é o oitavo do estado em número de habitantes. A cidade possui cinco universidades, portanto, com constante movimento de jovens locais e de regiões vizinhas, atraídos pelo ensino superior. O desenvolvimento econômico é pautado por parque industrial diversificado, agricultura e pecuária. Na divisa de Minas Gerais com São Paulo, Uberaba está a 41,5 km de Igarapava, a 124

³ As informações desta seção foram extraídas da página virtual do IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberaba/panorama>) e do site Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Uberaba>), ambos acessados em 01/02/2020.

km de Franca e a 184 km de Ribeirão Preto. Esses municípios são ligados por rodovias bem pavimentadas, tornando o acesso entre eles muito fácil.

3.3.2 O sul do Rio Grande: Igarapava, Franca e Ribeirão Preto

Igarapava⁴ possui 30.432 habitantes e faz parte da região metropolitana de Franca. Conforme o último censo, a taxa de escolarização na cidade foi de 97.8% e o IDH de 0,768.

Franca⁵, conforme dados de 2021 do IBGE, é habitada por 358.539 pessoas. Como polo econômico e industrial, é conhecida como a capital do calçado. É considerada a quinta cidade mais segura do país e a quarta com melhor saneamento básico.

Ribeirão Preto⁶ possui cerca de 720.116 habitantes, conforme estimativa do IBGE, em 2020. Sedia um conglomerado de 34 municípios e é uma das mais ricas do estado de São Paulo. Embora o município tenha se erguido a partir da pecuária e da cultura de café, atualmente sua principal fonte de renda é o setor industrial. O PIB do município é o 21º no Brasil e seu IDH é de 0,800, sendo o 22º maior do estado.

3.4 Sobre a coleta de dados ao norte do Rio Grande/MG

Nas pesquisas sociolinguísticas, de acordo com Labov (2008[1972]), não é necessário que a amostra seja grande, desde que os indivíduos entrevistados representem o grupo social no qual estão inseridos. Por esse motivo, adotamos a amostragem aleatória estratificada, selecionando participantes que estejam inseridos nos grupos sociais que formam o universo da amostra.

Ao norte do Rio Grande, foram entrevistados 12 participantes⁷, todos naturais da zona urbana de Uberaba-MG ou nela residentes desde os cinco anos de idade, sem que nenhum tenha morado fora desse município por mais de seis meses nos últimos cinco anos.

Para coleta de dados, sabemos ser importante a observação da fala na sua ocorrência o mais natural possível. Conforme Labov (2008[1972], p. 239), “o modo de operação ideal é o linguista se engajar numa conversa normal com o informante, e ser capaz de eliciar o uso natural de dada forma sem usá-la ele mesmo”. As entrevistas foram gravadas com o aplicativo Gravador de Voz Samsung, o qual possui o modo “entrevista”, que ativa dois microfones. O áudio foi gravado com qualidade alta (256kbps, 48kHz) e no formato m4a. Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos “software” GoldVarb X⁸.

3.5 Sobre a coleta de dados dos municípios ao sul do Rio Grande/SP

Devido ao contexto de pandemia vivenciado nos anos de 2020 e 2021, as viagens aos municípios de São Paulo ficaram inviabilizadas. Assim, os dados do sul do Rio Grande foram obtidos por meio de entrevistas televisivas. Labov (2008[1972], p. 246) aponta que “é possível obter dados sistemáticos nas transmissões de rádio e televisão, embora aqui a seleção e os condicionamentos estilísticos sejam em geral muito fortes”. Assim, consideramos que se podem obter bons dados de meios de comunicação de massa, visto que neste trabalho não está em análise

4 As informações desta seção foram extraídas da página virtual do IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/igarapava/panorama>) e do site Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Igarapava>), ambos acessados em 02/02/2020.

5 As informações desta seção foram extraídas da página virtual do IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/franca/panorama>) e do site Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Franca>), ambos acessados em 13/10/2021.

6 As informações desta seção foram extraídas da página virtual do IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/ribeirao-preto/panorama>) e do site Wikipédia (https://pt.wikipedia.org/wiki/Ribeirão_Preto), ambos acessados em 13/10/2021.

7 A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa e está registrada na Plataforma Brasil sob o número de protocolo (CAAE) 38643320.4.0000.5152, com detalhamento de todos os procedimentos de coleta de dados.

8 <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em 10/06/2021.

uma variação que envolva marcadores ou estereótipos, mas sim uma variação não sujeita a julgamentos conscientes, e, portanto, que não se altera em função de estilo.

Para obtenção das entrevistas, acessamos o portal G1 da Rede Globo de Televisão⁹; no menu, escolhemos: regiões; sudeste; São Paulo; Ribeirão Preto e Franca; Jornal da EPTV 1ª Edição – Ribeirão Preto. Essa busca retornou dezenas de reportagens referentes aos municípios de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto. Selecionamos aquelas em que havia entrevistas nas ruas ou instituições públicas dos municípios, com moradores das cidades. Selecionamos 24 reportagens/entrevistas com munícipes das localidades pesquisadas, para buscarmos formas linguísticas com contexto para abaixamento das vogais médias pretônicas via harmonização. Selecionadas as reportagens, foram transcritos, para registro, os trechos das entrevistas com ocorrência do fenômeno em estudo. A transcrição foi realizada da mesma forma que as entrevistas realizadas no município de Uberaba.

4 Análise e discussão dos resultados

Foram obtidos, em Uberaba, a partir das entrevistas sociolinguísticas 749 dados, os quais foram separados em duas categorias: palavras com vogal pretônica média e vogal tônica baixa, e palavras com vogal pretônica média e vogal tônica média baixa. A forma de realização da vogal pretônica variou entre: alçada ([i], [u]), média baixa ([ɛ], [ɔ]), média alta ([e], [o]) ou nasalizada ([ẽ], [õ]). Os resultados estão consolidados no quadro a seguir.

Quadro 2 – resultados do município de Uberaba

Altura da tônica		Comportamento da vogal pretônica		Realização		Exemplo ¹⁰
Baixa	562	Média baixa	2	[ɛ]	2	mulh[ɛ]rada
				[ɔ]	0	_____
		Média alta	483	[e]	266	lib[e]rdade
				[o]	217	h[o]rário
		Alçada	67	[i]	43	[i]spaço
				[u]	24	perd[u]ar
		Apagada	0	[e] → ∅	0	_____
				[o] → ∅	0	_____
		Nasalizada	10	[ẽ]	0	_____
				[õ]	10	relaci[õ]nadu
Média baixa	187	Média baixa	108	[ɛ]	68	m[ɛ]mória
				[ɔ]	40	c[ɔ]légio
		Média alta	13	[e]	10	qu[e]rmessi
				[o]	3	b[o]neca
		Alçada	58	[i]	53	[i]scola
				[u]	5	b[u]neco
		Apagada	8	[e] → ∅	8	d[0]z[ɛ]ssete
				[o] → ∅	0	_____
		Nasalizada	0	[ẽ]	0	_____
				[õ]	0	_____
TOTAL				749		

A ocorrência de abaixamento da pretônica engatilhado pela vogal baixa foi praticamente nula. Os dados contêm apenas dois registros e, em ambos, é possível dizer que não houve espraiamento de traços, visto que se trata de palavras derivadas (*mol[ɛ]cada* e *mulh[ɛ]rada*), que

⁹ <https://g1.globo.com/>

¹⁰ Exemplos retirados das entrevistas realizadas no município de Uberaba.

podem ter conservado o traço de abertura da palavra primitiva. Esse resultado confirma a hipótese de que a vogal baixa na sílaba tônica não favorece o abaixamento da vogal média pretônica. Quanto aos alçamentos de [e], ocorreram essencialmente em vocábulos iniciados por *es*, como [i]scola e [i]spaço. Conforme Battisti (1993, p.116), “*e* tende a tornar-se *i* em posição inicial absoluta, em sílaba fechada por /s/ ou /n/. Esse fenômeno tem origens históricas e é muito antigo no português”.

Quanto aos dados do sul do Rio Grande, das 24 entrevistas televisivas utilizadas, foi possível extrair 253 vocábulos com contexto para o fenômeno em estudo, conforme detalhado a seguir.

Quadro 3 – resultados dos municípios de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto

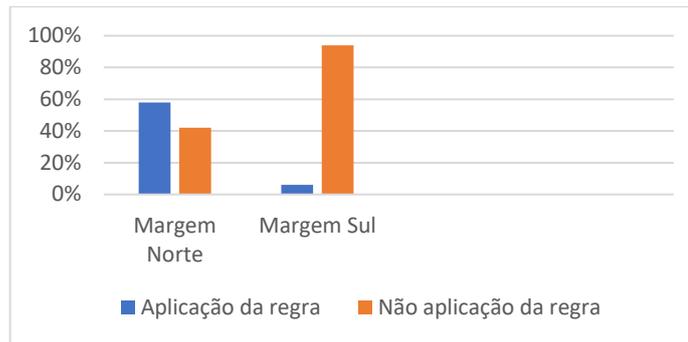
Altura da tônica		Comportamento da vogal pretônica		Realização		Exemplo ¹¹
Baixa	157	Média baixa	0	[ɛ]	0	_____
				[ɔ]	0	_____
		Média alta	137	[e]	73	m[e]tálicas
				[o]	64	conf[o]rtável
		Alçada	20	[i]	17	[i]xato
				[u]	3	pess[u]al
		Apagada	0	[e] → ∅	0	_____
				[o] → ∅	0	_____
		Nasalizada	0	[ẽ]	0	_____
				[õ]	0	_____
Média baixa	96	Média baixa	6	[ɛ]	2	p[ɛ]rcebe
				[ɔ]	4	prot[ɔ]colos
		Média alta	64	[e]	22	p[e]destre
				[o]	42	pr[o]cesso
		Alçada	22	[i]	22	[i]xternas
				[u]	0	_____
		Apagada	2	[e] → ∅	2	d[0]strói
				[o] → ∅	0	_____
		Nasalizada	2	[ẽ]	0	_____
				[õ]	2	c[õ]mércio
TOTAL				253		

Também nos dados de São Paulo, a maior parte dos alçamentos de [e] ocorreu em contexto de pretônica em início de palavra e em sílaba fechada por /s/, situação em que, como já descrito nesta seção, o alçamento é quase categórico. Isso se explica pelo fato de que, aplicada primeiro a regra de alçamento, há sangramento do contexto para a regra da harmonização vocálica: /e/sfrega > [i]sfrega > *[ɛ]sfrega.

Comparando-se os dados das duas margens do Rio Grande, vê-se que a aplicação da regra de harmonização vocálica ocorre, expressivamente, com maior frequência na margem norte, como demonstrado no gráfico a seguir.

11 Exemplos retirados dos dados coletados em reportagens dos municípios de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto.

Gráfico 1 – Harmonização vocálica nas margens sul e norte do Rio Grande



Fonte: os autores

4.1 Análise quantitativa dos dados de Uberaba

Para processamento dos dados de Uberaba, o programa foi alimentado com sete variáveis independentes, sendo quatro linguísticas (natureza da vogal alvo, altura da vogal tônica, distância entre a vogal alvo e a sílaba tônica e tipo do item lexical) e três extralinguísticas (sexo, escolaridade, faixa etária). Como nenhuma das variáveis externas foi selecionada, isso atesta que o fenômeno em estudo não é valorado socialmente. Obtidos os pesos, analisamos em separado cada variável independente, para compreensão do fenômeno linguístico em estudo nesta cidade.

Tabela 1 – variáveis selecionadas e pesos relativos - região norte do Rio Grande

Variáveis independentes selecionadas	Fatores	Peso relativo
Natureza da vogal alvo	Vogal pretônica e	0.301
	Vogal pretônica o	0.780
Altura da vogal tônica	Vogal baixa	0.118
	Vogal média baixa	0.998
Distância entre a vogal alvo e a sílaba tônica	Distância zero	0.583
	Distância de uma ou mais sílabas	0.047
Tipo do item lexical	Substantivo	0.228
	Adjetivo	0.818
	Verbo	0.600
	Outras palavras	0.753
Input 0.007		Significância 0.000

Este mapeamento permite que se enxergue a fotografia do comportamento geral das vogais médias pretônicas na comunidade de fala investigada. Contudo, a este trabalho interessa especialmente um fator, qual seja, a altura da vogal tônica, desencadeadora do processo de harmonia. Por isso, apresentam-se, na tabela abaixo, o percentual e o peso relativo para esta variável.

Tabela 2 – altura da vogal tônica na região ao norte do Rio Grande

Fatores	Aplicação da regra/ total de ocorrências	Porcentagem de aplicação da regra	Peso relativo
Vogal baixa	2/562	0,4%	0.118
Vogal média baixa	108/187	57,8%	0.998
Input 0.007		Significância 0.000	

Conforme se constata por esta tabela, o abaixamento da vogal média pretônica ocorreu em apenas 0,4% dos casos com vogal tônica baixa e em 57,8% dos casos com a vogal tônica média baixa. Confirma-se, assim, com êxito, a hipótese de que a presença de /a/ na sílaba tônica desfavorece a aplicação da regra de harmonização vocálica (peso relativo de 0.118). Já a presença de vogal média baixa na tônica favorece o abaixamento da pretônica (peso relativo de 0.998) de forma categórica, no lado norte do Rio Grande. Só houve ocorrência de abaixamento fora desse contexto em dois casos de palavras derivadas (*mol[e]cada* e *mulh[e]rada*), que teriam preservado os traços fonológicos da palavra primitiva. Esse resultado permite afirmar que, no município de Uberaba/MG, a regra variável de abaixamento da vogal média pretônica por harmonização vocálica ocorre apenas com vogal média baixa por gatilho.

4.2 Análise quantitativa dos dados de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto

Para realizar o processamento da amostra do sul do Rio Grande, foi necessário proceder a algumas alterações nas variáveis da pesquisa e, por conseguinte, na codificação dos dados. Expliquemos: não houve registro de abaixamento da vogal média pretônica em contexto de vogal baixa na posição tônica, para esses municípios. Assim, ao se rodarem os dados com todas as variáveis linguísticas utilizadas para o município de Uberaba, houve *knockouts*. Atentos ao fato de que também no município de Uberaba ocorre abaixamento da média pretônica por harmonização vocálica apenas na presença de vogal média baixa na posição tônica, decidimos excluir a variável vogal baixa e trabalhar apenas com os dados de vogal média baixa em pauta tônica, afinal, este é o mote desta pesquisa: verificar como se comportam as vogais médias pretônicas, com vogal média baixa em posição tônica, ao sul e ao norte do Rio Grande.

Também não pode ser utilizada a variável distância da sílaba tônica, pois, por não ter ocorrido harmonização vocálica com vogal alvo a uma sílaba ou mais de distância da sílaba tônica, a não aplicação da regra foi categórica nessas circunstâncias. Destaque-se que não é possível excluir apenas o fator sem dados de aplicação da regra, visto que a variável ficaria com apenas um fator, impossibilitando que seja rodada em análise multivariada. Dessa forma, é necessário excluir a variável inteira.

Foi, ainda, necessário alterar a variável item lexical, considerando apenas as substantivos e verbos, já que nos outros itens não houve ocorrência do fenômeno em estudo.

Em resumo: para rodar os dados no GoldvarX, todos os fatores em que não houve aplicação da regra em estudo foram excluídos, bem como as variáveis que ficaram com apenas um fator. Aquelas para as quais restam ao menos dois fatores foram recodificadas. Assim, rodamos pelo processamento multivariado as seguintes variáveis independentes:

- natureza da vogal alvo: vogal /e/ e /o/;
- tipo do item lexical: substantivo e verbo.

Tabela 3 – percentuais de aplicação da regra para a região sul do Rio Grande

Variável independente	Fatores	Aplicação da regra/ total de ocorrências	Porcentagem de aplicação da regra
Natureza da vogal alvo	Vogal pretônica /e/	2/47	4,3%
	Vogal pretônica /o/	4/48	8,3%
Tipo do item lexical	Substantivo	4/62	6,5%
	Verbo	2/16	12,5%
Total		6/95	6,3%

Input: 0.063

Houve resultados muito próximos de realização como média baixa para as vogais /e/ e /o/ na posição pretônica. Quanto ao item lexical, houve maior porcentagem de aplicação da regra para verbos (12,5%) do que para os substantivos (6,5 %). Ressalta-se que, devido à forma de coleta dos dados, já não estavam em análise para o sul do Rio Grande as variáveis sociais sexo, escolaridade e faixa etária.

Ao rodarmos os dados pela análise multivariada do Programa GoldVarbX, pela pouca quantidade de ocorrências de abaixamento da vogal pretônica ao sul do Rio Grande, o programa excluiu as duas variáveis independentes, natureza da vogal alvo e tipo do item lexical, por entendê-las pouco significantes. Dessa forma, o programa não calculou pesos relativos, pois não havia variáveis independentes para avaliação de sua influência na escolha linguística. Assim, o sistema apenas indicou o *input*, que ficou em 0.063, ou seja, a probabilidade de aplicação da regra de abaixamento da vogal média pretônica por harmonização na região ao sul do Rio Grande é de 6,3%.

Os dados dessa região, isoladamente, são bastante conclusivos quanto à baixa aplicação da regra de abaixamento. Logo, essa amostra tem muito a nos dizer em sua comparação aos dados de Minas Gerais, que é o principal objeto deste trabalho.

4.3 Comparação dos dados das regiões ao sul e ao norte do Rio Grande

Para realização da última rodada dos dados, com vistas à análise conjunta das amostras do município de Uberaba/MG e dos municípios de Igarapava, Franca e Ribeirão Preto, consideramos as mesmas variáveis independentes, exceto sexo, escolaridade e idade, tendo em vista que a forma de coleta de dados para a região ao sul do Rio Grande foi por entrevistas televisivas. Porém, para este momento do trabalho interessa apenas uma outra variável, qual seja, a Região Geográfica, dividida entre norte do Rio Grande e sul do Rio Grande.

Outra alteração realizada para esta análise comparativa foi a exclusão dos dados com vogal baixa na pauta tônica, visto que, conforme já demonstramos, apenas as vogais médias baixas atuam como gatilho para o abaixamento das médias pretônicas. Restaram, assim, 274 registros, os quais foram recodificados para processamento pelo GoldvarbX.

Tabela 4 – dados de aplicação da regra de abaixamento das vogais médias pretônicas

Variável independente	Fatores	Aplicação da regra/ total de ocorrências	Porcentagem de aplicação da regra
Região Geográfica	Sul do Rio Grande	6/95	6,3%
	Norte do Rio Grande	108/179	60,3%
	Total	114/274	41,6%

Estes resultados atestam a significativa diferença na realização das vogais médias pretônicas ao sul e ao norte do Rio Grande. No município de Uberaba, no Triângulo Mineiro, a vogal média pretônica realizou-se como baixa, na presença de vogal média baixa na sílaba tônica, em 60,3% das ocorrências da amostra. Já nos três municípios do interior do estado de São Paulo, houve realização da vogal média pretônica como baixa em apenas 6,3% das ocorrências. Pelos pesos relativos, evidenciou-se que o falante da região norte do Rio Grande - peso de 0.902 - aplica a regra de abaixamento das vogais médias pretônicas por harmonização vocálica de forma (quase) categórica; já o falante ao sul do Rio Grande - peso de 0.015 - notadamente não aplica essa regra. Por todos os pesos relativos analisados, vê-se que a variável independente que mais interfere nessa escolha linguística é a região geográfica do falante, prova de que o Rio Grande não se configura apenas como um limite geográfico, mas também como uma fronteira linguística.

Sólidas pesquisas, como a de Zágari (2013) e Nascentes (1953) inserem os falares do Triângulo Mineiro e do interior de São Paulo em uma mesma região dialetal (falar paulista ou sulista). Constatamos, entretanto, que há diferenças entre os mineiros de Uberaba e os paulistas de Franca, Igarapava e Ribeirão quanto à forma de realização das médias pretônicas. O ALiB (CARDOSO et al., 2018), embora não tenha setorizado o estado de Minas Gerais, já havia demonstrado que não se registram vogais abertas em pauta pretônica no estado de São Paulo, enquanto em Minas Gerais estas se realizam em 25% das ocorrências, isso sem se considerar a altura da vogal tônica. Assim, quanto ao comportamento das vogais médias pretônicas o falar de Uberaba identifica-se mais com a variante do centro norte do país do que com o falar sulista ou paulista.

CONCLUSÃO

Este artigo versou sobre o comportamento variável das vogais médias pretônicas em ambiente com vogal baixa ou média baixa na posição tônica, ao sul e ao norte do Rio Grande, procurando identificar semelhanças e diferenças. Conforme Labov (2005), o falante escolhe o tempo todo entre maneiras distintas de se dizer a mesma coisa. Entretanto, essas escolhas não são aleatórias, são motivadas por fatores do universo linguístico e social.

Quanto à natureza da vogal alvo as vogais médias /e/ e /o/, os resultados mostraram que, no município de Uberaba, a vogal labial é muito mais propensa a abaixar-se do que a coronal. Acerca da altura da vogal tônica, concluímos que não se verifica a harmonização vocálica no município de Uberaba com vogal baixa em posição tônica. Espraia-se regressivamente o traço de abertura, provocando o abaixamento da pretônica, apenas quando a vogal tônica é média baixa. Vastas pesquisas como de Célia (2004), Aragão (2015) e o próprio ALiB (CARDOSO et al., 2018) registram a ocorrência de pretônicas abertas fora desse contexto, principalmente na região Nordeste, mas o mesmo não ocorre em Uberaba/MG, que, nesse aspecto, assemelha-se aos falares do sul e sudeste. Assim, confirma-se que a harmonização vocálica nas regiões em estudo ocorre quando a vogal gatilho possuir apenas um grau de sonoridade de diferença do alvo (peso de 0.998 para o fator vogal média baixa na sílaba tônica e de 0.118 para vogal baixa na sílaba tônica).

Quanto à posição da vogal pretônica na palavra, os resultados demonstraram que a condição de adjacência é necessária, embora não suficiente, para que esse fenômeno variável ocorra. Quanto aos itens lexicais, adjetivos mostraram-se favorecedores do abaixamento e substantivos desfavorecedores, ao norte do Rio Grande (cf. tabela 1). Contudo, entende-se necessário nova pesquisa para que se avalie entre os itens lexicais fatores como a frequência de uso. Isso evidencia que, quanto mais investigamos fenômenos linguísticos, mais percebemos o quanto ainda há a se investigar.

Em relação às variáveis sociais, não se constatou condicionamento de fatores como sexo, idade e escolaridade na realização das vogais pretônicas, revelando que a harmonização vocálica é uma variação sem valor social atribuído, pelo menos em Uberaba, onde essas variáveis foram controladas. No que tange ao sul do Rio Grande, isoladamente, inferimos que também não há interferência dessas variáveis, visto que a probabilidade de ocorrência do fenômeno em estudo na região é de apenas 6,3%.

Quanto à variável região geográfica, vimos que um paulista dos municípios estudados raramente realiza [ɔ] e [ɛ] em pauta pretônica em contextos de vogal média baixa em pauta tônica; já um mineiro de Uberaba o faz quase categoricamente. É isso que mostram os pesos relativos de 0.015 para o sul e de 0.902 para o norte do Rio Grande, ilustrados na figura abaixo:

Figura 7 – comportamento das vogais médias pretônicas, em relação ao Rio Grande



Fonte: o autores

Concluimos, assim, que o comportamento das vogais médias pretônicas constitui um fenômeno linguístico variável, sendo que há mais aplicação da regra de harmonização vocálica, com abaixamento da pretônica por espraçamento regressivo de traços, ao norte do Rio Grande que ao sul, o que nos permite considerar que essa divisa geográfica é também um divisor linguístico. Retomamos aqui a metáfora com a qual iniciamos este texto para com ela também o finalizarmos. Como o rio caudaloso e vivo que divide Minas Gerais e São Paulo, a língua não permanece inerte, mas movimenta-se plena, em eterna mudança, transbordante em suas variações. Apraz-nos esta pesquisa contribuir com uma gota para a compreensão desse manancial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, M. S. de. *As vogais pretônicas nos falares nordestinos: dados do ALiB*. In Congresso Internacional da ABRALIN. Anais. Belém: ABRALIN, 2015. p.242-256.
- BATTISTI, E. *Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1993.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: efeito parcial e total*. Organon, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 49-61, jan./jun. 2013.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- CAMARA JR., J. M. *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.
- CARDOSO, S. A. Dialectologia. In MOLLICA, M. C.; Ferrarezi Jr., C. *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*. Londrina: EDUEL, Edição do Kindle, 2018.
- CELIA, G. F. *As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venêcia – ES*. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- CHAUÍ, M. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].
- MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.
- NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; Herzog, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].
- ZÁGARI, M. R. L. Os Falares Mineiros: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais. In AGUILERA, V. (org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*, p. 45-72. Londrina: Eduel, 2013.

Submetido em 23-08-2022

Aceito em 17-12-2022